

# meistudies

## **Rádio em pandemia: impactos da Covid-19 nas transformações do jornalismo radiofônico de Santa Catarina/Brasil em rádios em migração AM-FM**

**Valci Regina Mousquer Zuculoto<sup>1</sup>**

**Karina Woehl de Farias<sup>2</sup>**

**Gabriel Oliveira<sup>3,4</sup>**

Centenário em seu formato antena, o rádio brasileiro tem construído uma história de resiliência, adaptação e reinvenção, sempre agregando mais sentido de permanência. Transborda para além das ondas hertzianas, ocupando a *web* com emissoras transmitindo programações do *dial* via internet ou as webrádios exclusivas da rede. Reinventa-se mesmo no secular modo, atravessando, no Brasil, um dos seus fenômenos mais determinantes, o da migração do AM para o FM (Prata & Del Bianco, 2018). O processo se iniciou em 2013 e das 1731 AMs então existentes no país, mais de 700 já estão no FM (tudoradio.com, 2020). As demais ou prosseguem no processo para ocupar a Frequência Modulada convencional ou aguardam a faixa estendida.

Ainda em curso, a migração AM-FM, desde as primeiras emissoras transferidas para a Frequência Modulada, já vinha evidenciando fundamentais reconfigurações no meio.

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil). Diretora Científica da Alcar (Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia). Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBPJor) e da Rádio Ponto UFSC. Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). E-mail: [valzuculoto@hotmail.com](mailto:valzuculoto@hotmail.com).

<sup>2</sup>Mestre. Doutoranda do Programa de de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Satc (Criciúma/SC/Brasil). Membro do do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa). [fariaskaki@gmail.com](mailto:fariaskaki@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando. Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa). Bolsista PIBIC/CNPq março a setembro de 2020. Atual bolsista de extensão do projeto Rádio Ponto UFSC . E-mail: [sogabriel00@gmail.com](mailto:sogabriel00@gmail.com)

<sup>4</sup> Este artigo também contou com o apoio, para a coleta de dados, da graduanda de Jornalismo da UFSC Thais Martins Gonçalves, bolsista PIBIC/CNPq.

Em Santa Catarina, destacamos em algumas estações migradas, o potencial de valorização do jornalismo, seja local ou em rede.

Em 2020, ao mesmo tempo em que se reconfigura pela troca de *dial*, o rádio brasileiro, juntamente com toda a humanidade e da mesma forma que o meio nos demais países do mundo, enfrenta a pandemia da Covid-19. E mais ainda demonstra transformações cruciais na sua trajetória. A pandemia provocou disrupções que emergem profundas e definitivas também para a comunicação e, principalmente, para o jornalismo. Aprofundou-se a centralidade da comunicação e da informação para a construção social da realidade, alavancando a necessidade do jornalismo. Realçaram-se sobremaneira potencialidades do áudio e radiojornalismo, colocando suas mídias em destaque nas coberturas realizadas sob isolamento, em acordo com o que teorizam Ferraretto e Morgado (2020), Meditsch (2007), Brecht (1981, 2005) e Vigil (2004). Cresceu o consumo do áudio e radiojornalismo, conforme Kantar Ibope Media (2020) e Datafolha (2020). A pandemia comprovou, mais uma vez, que o secular rádio permanece um dos meios mais adequados à informação jornalística.

Com base neste contexto, este artigo apresenta mais recentes resultados de nossos estudos sobre transformações no radiojornalismo catarinense com a migração AM-FM. O objetivo é refletir mudanças sob o impacto da Covid-19. No estado brasileiro de Santa Catarina, a troca de *dial* iniciou em 2016. Em 2020, já operam no FM 57 das 99 rádios catarinenses AM. Delimitou-se o *corpus* empírico em seis estações, representando cada uma das seis mesorregiões de Santa Catarina, buscando um panorama geral do estado. São as rádios Clube de Lages (região Serrana), Marconi de Urussanga (região Sul), RBN de Jaraguá do Sul (região Norte), Caçanjurê de Caçador (região Oeste), Pomerode (região Vale do Itajaí) e CBN Diário (região da Grande Florianópolis). Destacamos que a CBN Diário é a única das analisadas que não mudou de banda, mas entendemos ser importante trazermos para a discussão, a fim de levantar cenários de quem espera o dial estendido e por ser uma das principais emissoras informativas de Santa Catarina.

Trata-se de pesquisa exploratória, quali-quantitativa (Flick, 2009), com análise documental como método e técnica, baseando-se em entrevistas semiestruturadas com radiodifusores, observação dos perfis das emissoras, atuais grades de programações e

dados sobre o processo da migração e o consumo de rádio e jornalismo durante a pandemia.

## **PANDEMIA E INFORMAÇÃO NO RÁDIO**

Desde 2016, as rádios de Santa Catarina vêm migrando do AM para o FM. O processo que muda o dial tem apresentado alterações no modo de ouvir, emitir e produzir conteúdo para o meio. A migração radiofônica brasileira, nestes seus primeiros anos, tem representado crescimento na audiência e no faturamento em um novo espectro, conforme estudos nossos sobre o tema (Zuculoto & Farias, 2019). Porém, a crise sanitária do novo coronavírus alterou algumas das apostas de melhora no setor. Os impactos para adaptação às novas rotinas impostas pela chegada da Covid-19 ao Brasil refletiram na produção de informação radiofônica em empresas de Santa Catarina.

Desde 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou a crise sanitária em relação ao novo vírus como uma pandemia. Desde lá, muitos países tomaram medidas emergenciais de contingenciamento da doença. Na China, as ações já vinham ocorrendo desde o ano anterior. O isolamento social para evitar o rápido contágio de uma doença tão recente e desconhecida exigiu de autoridades mundiais medidas rápidas, como o fechamento de toda atividade em um curto espaço de tempo. O chamado *lockdown* restringiu o deslocamento da população em vias públicas, autorizado somente os serviços considerados essenciais, como a ida aos supermercados, farmácias e hospitais.

O distanciamento social exigiu uma série de alterações em veículos de comunicação, entre eles, nas emissoras de rádio, logo nas primeiras semanas de quarentena. Medidas como o revezamento de equipes de jornalismo para reforçar o distanciamento, aumento nas inserções informativas sobre o coronavírus e um alargamento dos espaços noticiosos na grade de programação foram algumas das mudanças repentinas nas emissoras radiofônicas que exigiram mais trabalho dos profissionais do meio.

A pandemia reforçou o potencial do jornalismo e de meios tradicionais como o rádio pela necessidade de transmitir notícias confiáveis e prestação de serviço à comunidade, principalmente nas primeiras semanas de quarentena, abordando sobretudo informações

de saúde e segurança sanitária. Ferraretto e Morgado (2020) apontam a importância do papel da mídia no cenário da pandemia. Afirmam que em situações como as vivenciadas em 2020, o rádio cumpre um importante papel que o remete às suas origens, o de ser um meio propício para a utilidade pública e até mesmo, uma companhia aos ouvintes. Segundo pesquisa da Kantar Ibope Media (2020), a audiência do rádio cresceu desde o início do distanciamento, em março de 2020. Dos entrevistados na pesquisa, 77% disseram ouvir rádio. O dado é reforçado quando 20% afirmaram ouvir muito mais rádio após as medidas de isolamento social. Em relação ao conteúdo, 52% procuram por músicas, 50% estão em busca de distração e 43% utilizam o veículo para se manter informados sobre assuntos da atualidade. As notícias de atualização sobre a Covid-19 são procuradas por 23% das pessoas participantes da pesquisa. O imediatismo da informação radiofônica, possível por esta que é uma das principais características do meio, junto com a mobilidade, a instantaneidade, entre outras, pode ser apontado como um dos fatores para que o consumo de programas jornalísticos tenha crescido.

Dito isso, entendemos o rádio enquanto um meio com espaços destinados à construção de notícias, mas também como propagador de outras informações e utilidade pública, que englobam a hora certa, previsão do tempo, trânsito, entre demais serviços, como o de enfrentamento de uma crise sanitária. Com o passar dos anos, essas peculiaridades essenciais do meio foram reacomodadas e potencializadas. “É na programação jornalística que conseguimos notar algumas das principais características do veículo rádio, tanto em termos de produção quanto de conteúdo” (Cunha & Avrella, 2019, p.5).

Enquanto a informação é valorizada durante a emergência sanitária, a rotina profissional de jornalistas e comunicadores sofreu duras consequências com a pandemia de coronavírus. Com a programação jornalística ampliada, a produção de informação resultou no aumento da carga de trabalho para jornalistas e radialistas. Em contrapartida, muitas das emissoras aderiram à Medida Provisória (MP) 936, de 1º de abril, que instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda do Governo Federal brasileiro. A medida autorizou a redução de salários e da carga horária em até 70% como alternativa para a crise do novo coronavírus. Essa foi uma prática recorrente em boa parte das empresas radiofônicas catarinenses.

As empresas já se diziam frágeis durante o processo de migração para o FM, onde radiodifusores reclamavam sobre a competitividade entre anunciantes, principalmente pela qualidade sonora irradiada (Farias & Zuculoto, 2017). É inegável que o faturamento, que vinha melhorando ao deixarem o AM, despencou com a pandemia. A crise financeira atingiu uma série de setores e não seria diferente no rádio. O problema é que os tensionamentos sobre as relações de trabalho no meio ficaram ainda mais evidentes nestes tempos de crise provocada pela Covid-19, ou seja, a pandemia tem sido, em alguns casos, a justificativa para medidas drásticas como cortes ou a suspensão de contratos (Fenaj, 2020).

### **AS RÁDIOS MIGRADAS SOB A COVID-19**

Como mencionamos anteriormente, optamos por apresentar cenários e reflexos da pandemia em rádios em migração do AM-FM, observando emissoras nas seis mesorregiões catarinenses: Sul, Norte, Serra, Oeste, Vale do Itajaí e Grande Florianópolis. Destacamos o crescimento da informação jornalística nas rádios durante a pandemia e, portanto, corroborando com o que se vêm observando em relação às potencialidades de ampliação do espaço de jornalismo nas rádios que foram para o FM. Constatação ratificada, sobretudo, pela necessidade de prática de radiojornalismo local e pela importância da informação para o entorno (Peruzzo, 2005), como por exemplo, ao divulgarem orientações para a comunidade sobre a nova doença, desconhecida até então.

Apontamos que, em função da pandemia, conforme demonstraram os profissionais do meio radiofônico ouvidos, acentuaram-se a demanda e a ampliação de programação jornalística nas rádios migradas para a Frequência Modulada em Santa Catarina. As estações adaptaram-se a estes fenômenos gerados pela própria migração primeiramente e, agora, expandidos pelo aumento do consumo de rádio, da interação ouvinte-emissora e da valorização da informação em decorrência da Covid-19. E isso, ao mesmo tempo em que a crise sanitária causa outras determinantes rupturas no processo da migração, como a queda do faturamento das empresas radiodifusoras.

No Sul do estado catarinense, a Rádio Marconi, localizada em Urussanga, foi fundada em 10 de fevereiro de 1951 pelo Monsenhor Agenor Neves Marques. Ligada à Igreja Católica desde o surgimento até os dias atuais, a Marconi passou pelo processo de migração em 2018. Jornalismo e Esporte estão presentes na programação da emissora, que no processo de migração ampliou ainda mais o radiojornalismo, criando novos programas destinados à informação e ao conteúdo esportivo. Com a qualidade de som superior ao obtido em AM, muito por conta de investimentos em equipamentos, a Marconi tem atingido municípios que antes não recebiam o sinal da emissora.

O aumento de informação foi ainda maior durante a pandemia, quando a equipe passou a fazer programas especiais sobre o tema, incluindo esta cobertura jornalística também nos finais de semana. Em março, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus, os jornalistas viraram a madrugada do dia 19 de março com programação informativa. “A ideia foi levar informação de algo tão recente para a comunidade”, disse o chefe de Jornalismo, André Niclele (2020). A cobertura da Covid-19 foi e segue sendo essencial no enfrentamento da doença e na prática de um jornalismo que auxilia no combate à desinformação e no salvamento de vidas, como citou Niclele (2020), ao justificar os novos espaços informativos da Rádio Marconi de Urussanga. “Em meio a tantas Fake News, o rádio e suas páginas oficiais na internet passaram a ser as principais fontes de informação das pessoas por ter a credibilidade e responsabilidade de colocar conteúdos embasados sobre o tema”, argumentou o profissional. Sobre queda nas receitas da Marconi, o gestor confirmou um decréscimo de 20% já nos primeiros meses de quarentena.

Segunda migrante de Santa Catarina, a rádio Brasil Novo de Jaraguá do Sul, no Norte do Estado, era sintonizada até o final de 2016 em 780AM. A emissora agora pode ser ouvida em 94,3FM. Dentre as alterações na programação com a mudança de espectro, a empresa optou por retirar da grade programas produzidos sobre a cultura alemã, tradicionais em regiões sulistas do Brasil, como as dos municípios catarinenses de Jaraguá do Sul, Joinville, Pomerode, entre outros, colonizadas por imigrantes originários da Alemanha.. O aumento no faturamento sentido nos primeiros anos de migração para o FM esteve em queda nos primeiros meses da quarentena, chegando a 30% de declínio, segundo um dos gestores da emissora Emerson Gonçalves (2020).

A estação radiofônica aumentou os espaços de notícias na grade em julho de 2020, quatro anos depois de migrar para a Frequência Modulada. No entanto, a empresa não relaciona a mudança com a pandemia, mas com a necessidade de ter mais espaços de informação na programação. Por isso, lançou o Programa *Radar 94,3*, contando com a apresentação de três comunicadores e reportagem externa com prestação de serviço. Além deste horário, a grade ainda contempla o *Plantão do Meio Dia*, com notícias regionais das 12h às 13h. Nestes horários, antes da ampliação da informação radiofônica, a emissora dedicava a programação a espaços de entretenimento e música. Na região Serrana, a Rádio Clube de Lages, foi a primeira de Santa Catarina a trocar de banda. Atualmente, a empresa é comandada pelo empresário Roberto Amaral, do Grupo SCC (Sistema Catarinense de Comunicações) e realizou o processo de migração em junho de 2016, passando a ser sintonizada na frequência de 98,3FM. Anteriormente era ouvida no 690AM. Com a troca de banda, manteve boa parte de sua programação do AM, mudando muito mais a plástica, por meio de novas vinhetas e trilhas, do que o conteúdo.

Logo nos primeiros meses de migração, a Clube de Lages sentia números positivos em relação à audiência e, sobretudo, ao faturamento. Com a pandemia, a emissora registrou 12% de queda no número de anúncios. A empresa não dispensou colaboradores, mas aderiu à Medida Provisória 936, como quase todo o setor. A rotina dos profissionais mudou, entretanto sem modificar estruturalmente a grade de programação da emissora. Além de mais informações ao estilo utilidade pública, os comunicadores em grupo de risco atuavam fora da estação, a partir de suas casas, por conta do isolamento social. Segundo a diretora da Clube, Celeste Rogério Basquerote (2020), os trabalhadores da “linha de frente, apresentadores e repórteres, continuaram trabalhando com todo cuidado, mas presencial”.

Na mesorregião Oeste, a Rádio Caçanjurê foi fundada em 1948 por Lucas Volpi e Osni Schwartz e está entre as emissoras mais antigas de Santa Catarina. Localizada em Caçador, a estação integra a Rede Barriga Verde de Comunicações desde 1989. Migrou sua programação para a Frequência Modulada em novembro de 2018, quando manteve boa parte da grade. Nestes mais de 70 anos de história, a Caçanjurê operou até lá na

frequência de 1110AM. Atualmente, a sintonia se dá em 107,3FM e com 6KW de potência, ampliando a abrangência regional da rádio.

A emissora, segundo o coordenador de Jornalismo Murilo Roso (2020), passou a veicular mais notícias sobre saúde e prestação de serviço desde que a pandemia de coronavírus atingiu o Brasil. O faturamento da rádio estava consolidado desde a migração em 2018, no entanto a pandemia causou uma redução de 30% no período. Dentre as mudanças na rotina dos trabalhadores, estão as entrevistas em estúdio que foram suspensas em março e seguem ocorrendo de forma muito restritiva. “Os repórteres passaram a usar ainda mais as ferramentas digitais”, disse Roso (2020).

A Rádio Pomerode, na mesorregião do Vale do Itajaí, nasceu em maio de 1984 na frequência de 1580AM. Sintonizada ainda em AM, em 1996 passou a operar no 1410AM e, desde março de 2017, é ouvida no 95,1FM. Como estratégia ao migrar, a emissora investiu nas plataformas digitais para ampliar a audiência. A grade de programação atual mescla informação e entretenimento.

Com a quarentena, a empresa passou a inserir boletins com mais frequência sobre a Covid-19 durante os programas da sua grade. Entrevistas mais extensas sobre o novo coronavírus ganharam espaço nas produções da emissora, principalmente durante a programação matinal. O apresentador do horário da manhã da Pomerode também trabalhou de forma isolada até pelo menos junho de 2020. No grupo de risco por estar na faixa etária com mais de 60 anos, ao retornar para a emissora, visando manter o distanciamento social, o comunicador passou a realizar entrevistas somente pelo telefone e não mais levando as fontes presencialmente ao estúdio, como era seu costume. Em relação ao faturamento, o registro chegou a 40%, conforme o jornalista ouvido para a elaboração desta pesquisa.

## **A CBN DIÁRIO E O JORNALISMO NA PANDEMIA**

A fim de entendermos o impacto da pandemia juntamente com o fenômeno da Migração do AM-FM em Santa Catarina, é preciso também redirecionar o olhar para as emissoras que aguardam a mudança de espectro, seja pela liberação de um canal na frequência estendida ou esperam por questões técnicas, para a viabilidade e funcionamento em



novo dial. Sendo assim, optamos por discutir também o que vem ocorrendo com emissoras que ainda não trocaram de banda e estudamos o caso de uma das principais rádios AM jornalísticas de Santa Catarina, o da CBN Diário, da região metropolitana e situada na capital Florianópolis.

A CBN Diário começou a atuar em Santa Catarina em 1955, como Rádio Diário da Manhã. Em abril de 1996, sob a gerência de uma das maiores redes regionais do país e localizada no sul, o Grupo RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação, passou a integrar a Central Brasileira de Notícias, aderindo assim à rede nacional de rádios CBN. Trata-se de uma das principais redes de rádios do país, vinculada ao maior conglomerado de comunicação do Brasil, o grupo Globo, ao qual a RBS já era ligada por meio de afiliação à sua rede de televisão.

Voltada ao Jornalismo e ao Esporte, a programação da CBN Diário de Florianópolis dedica sete horas diárias de informação local, diferentemente de outras repetidoras que optam por não fazer transmissões e jornadas de futebol. A emissora é sintonizada no 740AM e emite o sinal a municípios para além da Grande Florianópolis. A assinatura do termo aditivo de adaptação de outorga para a troca de banda ocorreu em 2015 e desde lá a empresa, que atualmente integra o Grupo NSC Comunicação, ainda não migrou. Espera para ocupar o espaço da frequência que virá com a extensão do FM, mas principalmente que também a adaptação tecnológica dos receptores.

A situação da CBN Diário, em Florianópolis, é a mesma de outras rádios catarinenses que não querem depender da faixa estendida para operar na Frequência Modulada, já que os receptores atuais não sintonizam a faixa de recepção de frequências entre 76 MHz e 108 MHz. A popularização do e-FM vai depender, pelo menos de certa maneira, da “massificação dos equipamentos receptores portáteis compatíveis que possam captar emissoras na faixa do FM estendido” (Del Bianco & Prata, 2019, pág. 8).

Atualmente, os espaços destinados à informação local são: Notícia da Manhã, das 9h às 11h. Na sequência, o Direto da Redação ocorre das 11h às 12h. No horário do almoço há transmissão em rede e às 13h volta a programação local/regional com o programa Debate Diário até as 14 horas. Na sequência, as notícias da capital catarinense ganham espaço das 14h às 16h, e ao final da tarde, é a vez do CBN Diário Esporte, somando sete horas de produção da própria CBN de Florianópolis (NSC TOTAL, 2020).

A CBN é uma rádio 100% noticiosa e por isso, as pautas sobre a pandemia foram intensificadas desde março de 2020. Além disso, com as jornadas esportivas canceladas por conta da suspensão das partidas de futebol, a grade jornalística foi ampliada, conforme o editor chefe Márcio Serafini (2020).

Tão logo eclodiu a pandemia em março a CBN Diário colocou no ar o programa CBN Diário Especial Coronavírus, das quatro às cinco da tarde, em substituição temporária ao CBN Diário Esportes. Começou em 17 de março e se manteve até 5 de junho. A partir de 8 de junho com o retorno do futebol nós retomamos o programa esportivo do horário (Serafini, 2020).

Os dois primeiros meses de pandemia, entre abril e junho, o jornalismo da emissora foi ainda mais intensificado no Jornal da CBN Segunda Edição, programa em rede para transmitir ao vivo a atualização da situação que era feita todos os finais de tarde pelo governador e pelo então secretário da saúde. A opção pelo jornalismo local ocorreu em rádios por todo Estado com intuito de levar orientações sobre um assunto tão recente à população e não foi diferente na emissora da capital dos catarinenses.

O *home office* foi adotado pela empresa desde as primeiras semanas de isolamento social no Estado. Os profissionais do grupo considerados grupo de risco continuam trabalhando em cada e, ainda durante o mês de março, aproximadamente 90% do quadro de funcionário passaram a adotar o modelo remoto de trabalho. A redação integrada da NSC Comunicação no Morro da Cruz foi praticamente esvaziada.

A equipe técnica da rádio promoveu o que a gente brinca que é o milagre da multiplicação de externos o que permitiu que todos os programas fossem apresentados fora do estúdio. Mário Motta e Renato Igor, que são os principais âncoras da CBN, de manhã e de tarde, já estão há mais de 6 meses nesse chamado *home office*. Estão em trabalho presencial apenas aqueles profissionais cuja presença é imprescindível, principalmente os operadores da mesa do ar, mediante todos os cuidados, uso de máscara, de álcool em gel e a higienização de todos os equipamentos na troca de turno.

Um outro aspecto apontado pelo editor-chefe da CBN Diário, que também ocorreu com emissoras migradas, foi o crescimento das interações entre ouvintes e as emissoras. Conforme Serafini (2020), o portal NSC Total, do qual a CBN faz parte, atingiu recordes de audiência. “Nós estimamos em média um crescimento de 5% a 10%, com

alguns picos muito acima disso em momentos como as transmissões ao vivo das medidas de combate ao coronavírus” (Serafini, 2020).

## **Considerações**

Este artigo apresentou reflexões e resultados, que ainda consideramos iniciais, já que o estudo com este foco prossegue, sobre como estações brasileiras do estado de Santa Catarina estão adaptando-se à própria migração AM-FM e, ao mesmo tempo, aos impactos da pandemia de Covid-19. Observamos que, agora, expandem-se em função do aumento do consumo de rádio, da maior interação ouvinte-emissora e da valorização da informação em decorrência do enfrentamento do novo coronavírus. Como primeiros resultados, evidenciamos que se acentuaram a demanda e a ampliação de programação jornalística. Por outro lado, identificamos que a pandemia provocou outros impactos no processo de migração, que representam disrupções em relação ao que se vinha observando como tendência positiva para as rádios. Um dos mais realçados pelas emissoras que constituíram nosso *corpus* de pesquisa neste artigo foi a queda do faturamento das empresas radiodifusoras. Aqui e em pesquisa mais ampla que continua, algumas das rádios investigadas reclamaram de uma baixa de até 30%, como no caso na Rádio RBN, de Jaraguá do Sul.

A evidência da potencialização da necessidade do jornalismo durante a pandemia e da adequação do meio radiofônico para a prática jornalística, sobretudo a voltada à cobertura local, é resultado não somente pelo impacto da crise sanitária como pela própria migração do AM-FM. Na nossa pesquisa sobre o radiojornalismo catarinense no processo migratório já vínhamos observando que a mudança de espectro levou parte das emissoras a ampliar o espaço de informações locais nas suas grades de programação.

Isto porque ampliaram seu alcance em termos locais/regionais. Em consequência, precisam buscar agregar mais audiência e maior interação com seus antigos e novos públicos. Durante a pandemia, este fenômeno se aprofundou e alastrou, pois mídias locais foram chamadas a fortalecer ainda mais a relação, a interação, a identificação e a própria construção da realidade social cotidiana das comunidades onde funcionam. “As rádios locais desempenham uma função social que se sintetiza por favorecer uma

renovação da vida e das iniciativas locais. A rádio local permite à comunidade conhecer-se melhor (BONIXE, 2015, p.69).

Desta forma, o combate ao novo coronavírus acabou por fomentar esta tendência de jornalismo de proximidade, tendo em vista a importância de informação, sobretudo para o entorno, durante uma crise como a vivenciada em 2020. Todas as rádios ouvidas sobre os reflexos da pandemia na programação afirmaram produzir notícias sobre os casos da Covid-19 em seus municípios, com o objetivo de alertar os ouvintes sobre riscos e chances de contágio da doença, principalmente nos primeiros meses da quarentena no país.

Assim, vêm trilhando a adaptação de suas programações no novo dial dentro da nossa compreensão de que o rádio é um meio de proximidade com a comunidade onde está inserido, conforme defendem teóricos do radiofônico como Peruzzo (2005). Não podemos deixar de fazer esta reflexão, principalmente neste momento em que a mídia precisa auxiliar na condução da sociedade para o enfrentamento da pandemia, ancorados em Brecht (1981, 2005) e sua “Teoria de La Radio – 1927/1932”, onde o autor identifica o potencial radiofônico de difundir informação de interesse público e clama para que efetivamente seja utilizado na evolução do meio.

Também evidenciamos esta potencialização à luz de Vigil (2004), para quem o rádio deve “informar para formar”, “informar para inconformar” e “informar para transformar”.

Mesmo que não se possa afirmar com certeza que rádios catarinenses aqui pesquisadas expressam a tendência de ampliar a cobertura local por assim compreenderem o papel do radiojornalismo, entendemos que se prosseguirem com a ampliação e qualificarem a prática jornalística em busca de maior proximidade com suas audiências, devem trilhar o caminho de fazer do rádio uma “instituição social”, conforme preconiza Eduardo Meditsch (2001). Para este teórico contemporâneo do radiofônico, o meio precisa ser melhor utilizado e se realizar com todas suas potencialidades. Para Meditsch (2007, p. 282), “[...] a poderosa magia do rádio informativo, como tantos outros recursos da civilização, aparece hoje como um extraordinário meio de comunicação e produção de conhecimento que está sendo, muitas vezes, subutilizado pela sociedade”.

## Referências

Brecht, B. *Teoria de la Radio* (1927-1932). (1981). In.: Bassets, L (Ed.). *De las ondas rojas a las radios libres. Textos para la historia de la radio*. Barcelona: Gustavo Gili.

Brecht, B. *Teoria do Rádio* (1927-1932) (2005). In: Meditsch, E. (org). *Teorias do Rádio – textos e contextos*. Volume I. Florianópolis: Insular.

Basquerote, Célia Rogério. (2020) Entrevista concedida aos autores.

Cunha, Mágda Rodrigues da e Avrella, Bárbara. (2019) *O radiojornalismo no contexto do software*. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 04-21, jan./jun.

Datafolha. (2020) *78% se consideram bem informados sobre coronavírus*. Disponível em <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/04/1988655-78-se-consideram-bem-informados-sobre-coronavirus.shtml>

Del Bianco, Nélia R.e Prata, Nair. (2019) *A construção da política pública para ocupação do FM estendido no processo de migração do AM*. In. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Belém.

Farias, Karina Woehl e Zuculoto, Valci Regina Mousquer. (2017) *Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM*. Rádio-Leituras, v. 8, n. 2.

Ferraretto, L.A.; Morgado, F. (2020) *COVID-19 e Comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Porto Alegre: Núcleo de Estudos de Rádio (NER). Disponível em [http://grupomontevideo.org/sitio/wp-content/uploads/2020/04/ner\\_covid-19\\_e\\_comunicacao.pdf](http://grupomontevideo.org/sitio/wp-content/uploads/2020/04/ner_covid-19_e_comunicacao.pdf).

Federação Nacional dos Jornalistas (2020). Disponível em <<https://fenaj.org.br/com-mps-empresas-jornalisticas-reduzem-direitos-fenaj-e-sindicatos-contestam-acordos-individuais/>>. Acesso em junho de 2020.

Flick, U. (2009). *Métodos de Pesquisa-Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Gonçalves, Emerson.(2020) Entrevista concedida aos autores.

Kantar Ibope Media (2020). *Covid-19: impactos no consumo de mídia/rádio*. Disponível <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/>.

Meditsch, E. (2007). *O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Florianópolis: Insular/Edufsc.

MP 936, de 1º de abril de 2020. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm)

Niclele, André (2020). Entrevista concedida aos autores.

Peruzzo, Círcia M. Krohling. (2005) *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências*. Comunicação & Sociedade, v. 26, n. 43, p. 67-84.

Prata, Nair e Del Bianco, Nelia. (orgs.) (2018). *Migração do rádio AM para o FM: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*. Florianópolis: Insular.

Roso, Murilo. (2020) Entrevista concedida aos autores.

Serafini, Márcio. Entrevista concedida aos autores.

tudoradio.com. (2020) *O Rádio: Migração das AMs - Levantamento no FM*. Disponível em <https://tudoradio.com/conteudo/ver/45-o-radio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>

Vigil, Jose Ignacio Lopez (2004). *Manual Urgente para Radialistas Apaixonados*. São Paulo: Paulinas.

Zuculoto, V. R. M.e Farias, K. W. (2019) *De volta para o futuro: valorização do jornalismo local na migração AM-FM em Santa Catarina*. 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia: SBPJor. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2010/1133>